

# As representações sobre as mulheres na *Revista Servas do Senhor* entre 1960 e 2000

Diogo da Silva Roiz  
Marcilene Nascimento de Farias

**Resumo:** Este trabalho analisa algumas representações do feminino veiculadas na revista *Servas do Senhor*, impresso oficial da Liga das Senhoras Luteranas do Brasil, entre 1960 e 2000. Por meio da análise da revista foram recortadas algumas temáticas que permearam o cenário social ao longo das décadas de 70, 80 e 90, do século XX, no Brasil. Entre essas, os movimentos sociais, legalização do aborto, sexualidade, moda, mídia, família, valores, trabalho e a participação das mulheres na igreja.

**Palavras-chave:** Relações de Gênero. Representações Femininas. *Revista Servas do Senhor*.

**Abstract:** This work aims to examine some questions on women's representation in the press, through the relationship of gender, in the magazine *Servants of the Lord*, printed official of the League of Lutheran Ladies of Brazil, between 1960 and 2000. Through analysis of the magazine can be seen the discussions and positions of women and

*Diogo da Silva Roiz.* Doutorando em História pela UFPR. Mestre em História pela Unesp/Franca. Professor do Departamento de História nos cursos de História e de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na unidade de Amambaí. E-mail: diogoroiz@yahoo.com.br

*Marcilene Nascimento de Farias.* Universidade Federal da Grande Dourados UFGD. Mestranda em História pela UFGD. Graduada em História pela UEMS, unidade de Amambaí. E-mail: marcileneuems@hotmail.com.

Texto recebido: 11/12/2009. Texto aprovado: 25/05/2009.

<sup>1</sup> WARTH. Carlos H. *Crônicas da Igreja: fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil* (1900-1974). Porto Alegre: Concórdia, 1979, p. 208.

<sup>2</sup> WARTH. Carlos H. *Op. cit.*, 1979, p. 208.

<sup>3</sup> Liga das Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB). *Manual do departamento feminino*. 4. ed. Porto Alegre: Concórdia, 1987, p. 9.

<sup>4</sup> Neste Congresso discutiu-se e aprovou-se o projeto dos estatutos que deveriam reger a Liga. Foi eleita a seguinte diretoria geral: Sra. Otilia Muller, presidente; Sra. Martha Heine, secretaria; Sra. Edite Karg, correspondente e Sra. Erna Goerl, tesoureira. Como conselheiros da Liga foram eleitos os Revs. E. heine, E. Schelp e G. J. Muller. A Convenção da igreja, reunida nos dias seguintes, tomou conhecimento da criação do Departamento Feminino da igreja. Impunha-se que fossem fundados diversos distritos da Liga; dois praticamente já existiam: o distrito de Porto Alegre e o Missioneiro. (Ver: WARTH. Carlos H. *Op. cit.*, 1979, p. 211).

<sup>5</sup> A Liga das Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), é constituída por mulheres envolvidas nas mais diversas formas e horários, dentro das congregações luteranas, que se organizam em departamentos. Estes

men lutheran about some issues that permeated the social scene over the decades, 70, 80 and 90. Among these questions are the feminist movement, the gay movement, the legalization of abortion in Brazil, sexuality, fashion, media, family, values, work and the participation of women in the Church.

**Keywords:** Relations of Gender. Women's Representation. *Revista Servas do Senhor*.

### Criação da Liga das Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB)

A primeira Liga Missionária de Senhoras foi organizada na chamada Igreja-mãe nos Estados Unidos da América. Ao que se tem nota, esta foi de grande importância tanto para as obras de missão como para o serviço social da comunidade.<sup>1</sup>

Na Igreja Luterana do Brasil, também aos poucos foram sendo fundadas sociedades de senhoras. A primeira sociedade de senhoras a ser organizada foi a da comunidade Cristo de Porto Alegre no ano de 1909, sob a presidência da senhora Maria Tetzlaff, que era cozinheira e dona de casa. A Liga trabalhava em prol dos estudantes do Seminário Concórdia, conforme sugere o seguinte relato: "Sabemos que bom número de senhoras serviram lavando e consertando a roupa dos estudantes e aos domingos os convidando para o almoço em suas casas. Dessa maneira ajudaram o Seminário na formação de obreiros para a igreja."<sup>2</sup>

Foi a partir da formação destas sociedades de senhoras, que as mulheres luteranas, decidiram verificar a possibilidade de formar uma liga nacional, o que veio a se concretizar alguns anos mais tarde, no dia 4 de julho de 1956. Nesta data um grupo de senhoras se reuniu em Porto Alegre, para discutir a possibilidade de fundar uma entidade que possibilitasse um "trabalho conjunto e, por conseguinte, mais dinâmico em prol da propagação do evangelho de Cristo no Brasil e no mundo"<sup>3</sup>.

Porém, a Liga de Senhoras fundada nesta ocasião fora considerada provisória pela participação quase só de mulheres de Porto Alegre, o que levou à convocação oficial de todas as sociedades de senho-

ras do Brasil para o 1º Congresso Nacional na capela do Seminário Concórdia, em Porto Alegre, no dia 16 de janeiro de 1957, quando elegeu-se a primeira diretoria.<sup>4</sup> Com a fundação da Liga surgiram os primeiros distritos: Alto Taquari e o Porto Alegrense. Nos anos seguintes outros distritos<sup>5</sup> se filiaram.

A Liga das Senhoras Luteranas do Brasil<sup>6</sup> (LSLB), foi criada para ser “uma entidade auxiliar da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, com o propósito de congregar as senhoras luteranas para ‘Servir ao Senhor com Alegria’, baseando-se no versículo segundo do Salmo 100”<sup>7</sup>. Como uma organização da igreja, devia se manter intimamente relacionada com ela, e seus programas dependiam de seu apoio e aprovação. A Liga ainda tinha como finalidade primordial o desenvolvimento espiritual das filiadas para uma vida consagrada e a conseqüente motivação para a prática da missão.

No objetivo de auxiliar a igreja na prática da missão, a Liga contribuiu regularmente, através do plano nacional das “sacolinhas”<sup>8</sup> para a formação de novos pastores, auxílio para a construção de capelas nos campos de missão, compra de automóveis, material missionário, material para a escola dominical, bolsas de estudo, assistência às missões, à família e à mulher, principalmente através da literatura.

No ano de 1959 a Liga das Senhoras Luteranas do Brasil, sentiu a necessidade de criar um Boletim Informativo, primeiro mimeografado e depois impresso, que possibilitava uma melhor comunicação entre os diversos distritos que iam surgindo e o conseqüente contato entre seus membros. Em 1966, a revista da Liga apareceu sob o título de *Servas do Senhor*, substituindo o antigo Boletim Informativo. Nascia aí uma nova fase no impresso que agora além de vários artigos em português, continha uma página em língua alemã, alcançando em 1969 a tiragem de 1400 exemplares.

A revista *Servas do Senhor*, mostra-se uma fonte potencial para o estudo das mulheres nessa instituição, uma vez que suas percepções sobre as principais transformações ocorridas nas décadas de 70, 80 e 90, estiveram presentes na revista. Publicaram-

formam os distritos, que organizados em regiões, elegeem sua presidentes regionais, as quais auxiliam a Diretoria Nacional na coordenação dos trabalhos em nível distrital, regional e nacional, dentro dos objetivos assumidos. C. f. *Servas do Senhor*. 3. trim. de 1996. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1996. p.9).

<sup>6</sup> Por ocasião do XIX Congresso Nacional da LSLB, realizado em 1998, o nome da Liga foi alterado, com a troca de “senhoras” por “servas”. A partir de então, o nome oficial da Liga passou a ser Liga das Servas Luteranas do Brasil. (Ver: BUSS, Paulo Wille. *Um grão de mostarda: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*. Porto Alegre: Concórdia, 2006, p. 341).

<sup>7</sup> Manual do Departamento Feminino. *Op. cit.*, 1987, p. 9.

<sup>8</sup> Sacolinha é um recipiente confeccionado de pano, pendurado na cozinha, onde as mulheres luteranas depositam os trocos de suas compras, oferta especial pela saúde, ocasião de aniversários e outras razões. Para recolhimento das ofertas das sacolinhas foi criado o programa especial realizados nas reuniões dos departamentos ou durante o culto. Do total arrecadado com as ofertas das sacolinhas 70% fica com a Liga Nacional e 30% fica para os distritos. (C. f. *Servas do Senhor*. 3. trim. 1996. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1996. p.9).

se circulares, estudos, manuais diversos, pastas de orientação para trabalhos nos departamentos femininos, escreveram-se muitas cartas, comunicados, informações sobre encontros e eventos da Liga, que foi considerada um “importante veículo missionário entre as senhoras luteranas”<sup>9</sup>.

### A Revista *Servas do Senhor*

A revista iniciou com o nome de *Boletim Informativo Da Liga das Servas Luteranas do Brasil* (LSLB), em março de 1960. Possuía o mesmo tamanho da revista atual (22 cm de comprimento por 16 cm de largura) com um total de oito páginas. Com um número tão reduzido de páginas, o principal objetivo do Boletim era informar as senhoras luteranas (com periodicidade de 4 boletins por ano) sobre os propósitos da LSLB, divulgar congressos, pequenas notícias e mensagem bíblica. Inicialmente os artigos não eram assinados, sendo todos de cunho informativo. É somente a partir de 1963 que alguns passam a ser assinados. No segundo número do Boletim, em junho de 1960, é acrescentada uma página em língua alemã, voltada para as pessoas que não falavam a língua portuguesa no Brasil, para que dessa forma pudessem colaborar no desenvolvimento cultural dos membros da comunidade luterana. É interessante notar que a quantidade de páginas do Boletim não se mantinha fixa, entre os anos de 1961 a 1964, variando de quatro a oito.

Em 1964 o Boletim Informativo, noticiou a elaboração do hino “*Servas do Senhor*”<sup>10</sup> pelo reverendo M. L. Hasse, de Curitiba. A diretoria do Boletim fez cópias e enviou a todas as senhoras luteranas, com o pedido de que fosse ensaiado para ser cantado no Congresso Nacional de 1964. Foi somente a partir de 1965 que as páginas do Boletim passaram a ser enumeradas, e neste mesmo ano criado o distintivo, da LSLB: uma cruz, uma luz e as iniciais LSLB, significando que para a Liga, Jesus é a Luz e a cruz a Salvação.

No ano de 1967, o “visual do Boletim”<sup>11</sup> foi mudado, definitivamente, passando a ser chamado de “*Revista Servas do Senhor*”. Como forma de lembrar

<sup>9</sup> *Servas do Senhor*. 1. trim. 1977. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1977, p.05.

<sup>10</sup> Hino Oficial da Liga das Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB): Com tudo o que somos e temos/ A ti nos sagramos Senhor/ Chamaste à Seara e viemos/ Servir-te com zelo e fervor/ A bênção vem dar / Na igreja e no lar/ Nesta obra de fé e de amor./ Com as mãos trabalhamos, com os pés te seguimos/ Com a voz te louvamos, com os lábios servimos/ e dos dons te trazemos, para as almas salvar/ E com tudo queremos teu amor proclamar. *Servas do Senhor*. C. f. *Servas do Senhor*. 1º trim. de 1977. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1977. p. 6).

<sup>11</sup> *Servas do Senhor*. 1. trim. 1997. Rio Grande do Sul: Singulart, 1997. p. 7-9.

as senhoras, para que não esquecessem o hino oficial da Liga, a revista trouxe na capa do número de abril/maio/junho de 1966, o hino *Servas do Senhor*, além de uma notificação às senhoras luteranas que ainda não haviam renovado suas assinaturas para o ano de 1967. De acordo com a notificação, a renovação das assinaturas fazia-se necessária para que a Liga pudesse continuar realizando vários “empreendimentos pela causa do senhor” sendo o preço da assinatura por um ano de Cr\$ 600.

Somente em 1995 é que a revista *Servas do Senhor* mudaria o “visual”. A partir deste ano a capa da revista passou a ser colorida e impressa em papel couchê. Em 1999 foi criada uma coluna sobre “Saúde”, onde médicos de diversas áreas da medicina passaram a colaborar escrevendo matérias sobre diversos problemas de saúde, a primeira foi sobre “osteoporose, porque e como evitar”<sup>12</sup>, escrita pela fisioterapeuta Adriane Krause.

A revista sempre demonstrou grande preocupação em manter um diálogo com as leitoras, solicitando aos departamentos de senhoras, e até mesmo àquelas que não pertenciam a nenhum departamento, que mandassem artigos, mensagens, contos, testemunhos, poesias, relatórios de suas atividades, críticas para que pudessem ser compartilhados com outras pessoas. Essas solicitações de participação das leitoras sempre obteve resultados positivos, sendo freqüente o recebimento de cartas, artigos e sugestões.

Graças ao recebimento de tantas cartas que a revista criou em 1995 um espaço dedicado às leitoras, onde podiam expressar suas opiniões, perguntando, comentando ou anunciando diversos assuntos. A leitora Margot Pires, da região metropolitana de Porto Alegre utilizou-se do espaço para parabenizar a revista pelos seus 35 anos: “minhas queridas e estimadas irmãs responsáveis pela nossa revista *Servas do Senhor*, é com imenso amor e alegria que a Região Metropolitana une-se para parabenizar pelos 35 anos de nossa revista”.<sup>13</sup>

Todavia, os homens também obtiveram uma grande participação na revista, divulgando suas opiniões sobre uma variedade de assuntos que trata-

<sup>12</sup> *Servas do Senhor*. 2. trim. 1999. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1999. p. 11.

<sup>13</sup> *Servas do Senhor*. 4. trim. 1995. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1995. p. 4.

<sup>14</sup> Sobre a importância do aspecto visual para a História explicita Peter Burke, que através da interpretação dessas imagens é possível compreender contextos sociais de outras épocas, no momento em que foram produzidas. Para Burke, cada vez mais as imagens tem seu lugar garantido ao lado de textos literários e testemunhos orais. (BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru (SP): EDUSC, 2004. p.11).

<sup>15</sup> Diante do crescente número de trabalhos que utilizam a imprensa como fonte de pesquisa, a historiadora Tania de Lucca, considerou ser importante destacar a alguns aspectos metodológicos, a serem seguidos no manuseio e utilização dessas fontes. Segundo Tania de Lucca esses aspectos traduzem apenas um esforço de sistematização de procedimentos e sugestões analíticas que tem orientado as pesquisas na área, a saber: encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série; localizar a(s) publicação (ções) na História da Imprensa; atentar para as características de ordem material (periodicidade, impressão, papel, uso; ausência de iconografia e publicidade); assenhorar-se da forma de organização interna do conteúdo; caracterizar o material iconográfico presente; caracterizar o grupo responsável pela publicação; identificar os principais colaboradores; identi-

ram do papel da mulher em diversos campos de atuação, seja no lar, no trabalho ou na Igreja.

Era imensa a gama de colaboradores que durante as décadas de 70, 80 e 90, do século passado, contribuíam com artigos, poesias, estudos, conselhos, opiniões e crônicas, dos quais destacamos os seguintes nomes que estavam ligados ao alto comando da IELB: Wilma Wart, Frieda Tomé, Danilo Fach, Martin Doege, Lorena dos Santos Tomé, Gerda Doege, Arno Goerl, Kórdula Reimnitz, Lyria Rick, Gládis Rehfeldt, Nora Schelp, Elaine Ikkert Stahlhoefer, Avani Kelm, Ilse Gans, Norberto Ott, Luis Carlos Garlipp, Milton Klagenberg, Rosemarie Lange, Paulo Weirich, Lia Klagenberg, Johannes Gedrat, Célia Maria Bundchen, Irena Widemann, Martin Wart, Elizabeth Kunstmann, Alda Dresch, Edeltraut Dauernheimer, Wanda Flor, Walter Kunstmann, Lauro Patzer, Edelgard Garlipp, Herta Doege, Herta Wilma, Ursula Neimann, Egon Kopereck, Irmgard Goerl, Elânia Valkimil.

### A capa

A primeira edição a ser contemplada com uma capa ilustrada foi a de abril/maio/junho, de 1967, que trazia sobre o fundo cor-de-rosa o desenho de uma mãe sentada em uma cadeira de balanço com um bebê no colo, em frente à lareira, tendo um cão aos seus pés.<sup>14</sup>

A capa não apresentou mudanças significativas no decorrer dos anos. O título da revista, em letras grandes, sempre ocupou a parte superior e do lado esquerdo a logomarca da Liga, seguida das informações do mês e ano. Abaixo estava a ilustração da capa, que ocupava espaço maior, e abordava as questões de relevância para a Liga e para a revista, como família, crianças, idosos, mulheres, casais, natureza, motivos natalinos e religiosos, fotos dos momentos de confraternização nos Congressos e de bens materiais adquiridos pela Liga. Assim, durante o período que vai de 1970 até 1984, a capa se manteve com esta formatação.

No ano de 1985 a capa sofreu algumas alterações, e a principal delas foi reservar um espaço para o su-

mário, havendo assim, uma diminuição no tamanho das ilustrações. No entanto, cabe ressaltar que o sumário teve espaço na capa somente no ano de 1985, desaparecendo da revista após esse período. Já as informações sobre local de publicação, diretoria, redatores, endereço da administração, assinaturas, tiragem, editoração e projetos da Liga, que até então se encontravam na contra-capas, passaram a aparecer no meio da revista, e a contra-capas tornou-se o espaço reservado para a presidente da Liga enviar notícias à revista.<sup>15</sup> Até mesmo a distribuição das matérias, que antes destas mudanças não obedecia a um padrão fixo, passou por uma estruturação, ficando ordenada da seguinte forma: Página da Presidente; Editorial; Congresso Nacional; Notícias; Comissão de Crescimento Espiritual (Estudo); Distritos Informam; Der Deutsche Teil (Página Alemã)<sup>16</sup>.

### As ilustrações

Era freqüente na revista, até fins dos anos 80, a presença de um número reduzido de ilustrações e o material iconográfico encontrado constituía-se basicamente de fotos, desenhos e gravuras. Essa escassez de ilustrações suscitou o comentário de um dos revisores, o senhor Walter Kunstmann, que ao ser questionado sobre o que deveria melhorar na revista fez a seguinte observação, “se tivesse mais espaço, para de vez em quando colocar alguma pequena ilustração — de acordo com os artigos publicados”<sup>17</sup>.

Apesar da observação do senhor Kunstmann, a pequena quantidade de ilustrações permaneceu freqüente até fins da década de 80, período em que a revista *Servas do Senhor*, passou por “mudanças no visual”, e como fruto destas mudanças o número de ilustrações aumentou. Algumas colunas possuíam ilustrações alusivas à temática abordada: mulheres, homens, crianças, idosos, família, natureza, Bíblia, flores, vasos floridos, árvores, mãos, casas, mapas do Brasil, quedas d’água, motivos natalinos, gravuras reproduzindo passagens bíblicas, estandartes dos departamentos femininos, fotos de departamentos em festa e de congressos nacionais e distritais.<sup>18</sup>

ficar o público a que se destinava; identificar as fontes de receita; analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida. DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 142.

<sup>16</sup>É importante ressaltar que estas foram colunas presentes na revista desde sua criação, na década de 60, e que após as mudanças na capa em 1985, permaneceram sempre nessa seqüência. No decorrer dos anos novas colunas foram aparecendo e ficando ora antes ora depois das colunas fixas, porém permaneciam um curto período e logo deixavam de ser escritas dando espaço para outras como foi o caso das colunas “A Mulher Hoje”, “Quando as mulheres se olham no espelho”, “Vovó sabe das coisas”, “Vale a pena ler de novo”, “Aprentando”, “Página das Jovens”, entre outras.

<sup>17</sup> *Servas do Senhor*. 3. trim. 1972. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1972, p.04

<sup>18</sup> O advento da ilustração foi essencial para o impulso e a diversificação do impresso periódico, de acordo com Tania de Lucca. As ilustrações foram de fundamental importância no Brasil, um país onde o rarefeito público leitor, que contava com poucas mulheres, avançava lentamente através dos folhetins, dos teatros, dos intelectuais,

## Tiragem

A revista teve uma tiragem de 1300 exemplares no ano de 1968, vindo com um tópico de alerta, pois no ano de 1967, somente 498 assinaturas estavam pagas. A coluna conclamava a todas as senhoras o pagamento de suas assinaturas em dia e que mandassem notícias de seus departamentos periodicamente. Em 1970 eram aproximadamente 3.500 senhoras inscritas nos departamentos, reunidos em 13 distritos, e, no entanto, a tiragem da revista era de 1000 a 1200 exemplares.

A revista aumenta de 16 para 20, o número de páginas em abril/junho de 1973, e a tiragem aumenta para 2300 exemplares. No período de seis anos a revista manteve esta formatação com novas alterações somente no ano de 1978 quando do aumento do número de páginas para 24.

No ano de 1982, o número abril/maio/junho da revista saiu com edição especial em comemoração aos 25 anos da LSLB, com 32 páginas com um salto na tiragem para a cifra de 7000 exemplares. O número especial trouxe informações históricas sobre a Liga, retratando a criação do lema “Servi ao Senhor com alegria”, a relação de todas as presidentes e suas colaborações, além de curiosidades sobre os primeiros distritos, sobre a própria revista, sobre o distintivo, o hino das servas, o sistema de ofertar nas sacolinhas e os muitos projetos realizados pela LSLB. Na saudação pelos 25 anos da LSLB, a então presidente da Liga, Johannes H. Gedrat enfatiza que:

Os 25 anos de existência da Liga de senhoras luteranas do Brasil foram 25 anos de serviço alegre ao Senhor dentro da Igreja Luterana e através dela, compreendem que nem sempre as senhoras conseguiram fazer tudo o que desejavam, mas tudo quanto fizeram foi realizado com alegria. (...) A LSLB está diante de enormes desafios, mas aprendeu a caminhar por 25 anos sob as misericórdias e as bênçãos de Deus. Que siga caminhando! Sabe como o servir com alegria que siga servindo.<sup>19</sup>

Em 1988, em virtude da inflação da moeda no país a revista precisou unir dois números, pois não

dos estudantes, dos jornalistas, entre outros. As publicações ilustradas de cunho satírico, em geral de curta duração, proliferaram rapidamente no Brasil. Não poupavam os poderosos do momento e nem mesmo o Imperador, alvo constante dos chistes; passavam em revista costumes e hábitos em charges sensíveis e mordazes que compunham um registro social dos mais significativos. DE LUCA, Tânia Regina. *Op. cit.*, 2006, p.134-5.

<sup>19</sup> *Servas do Senhor*. 2. trim. 1982. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1982. p. 11.

havia dinheiro suficiente para os quatro números. O número de julho/agosto/setembro saiu junto ao de outubro/novembro/dezembro com 32 páginas. Nesse período a revista teve uma tiragem de 8.000 exemplares. Este número trouxe uma nota explicando o motivo dessa decisão, salientando que:

No ano de 1987, quando a assinatura de nossa revista era de Cz\$ 60,00, nos sentimos constrangidas de ter de aumentá-la para Cz\$ 180,00. e no entanto, atualmente com essa quantia não compramos dois litros de leite! Infelizmente, muitos dos pagamentos das assinaturas, são feitos na metade do ano, o que desvaloriza consideravelmente nosso poder de aquisição de material e pagamento da mão de obra. Assim sendo, com o capital que nos resta, pois ainda faltam saldar assinaturas, a saída que encontramos, foi de unir dois números em um. Sentimos quebrar a tradição das quatro revistas anuais, mas fez-se necessária esta drástica decisão (...) a revista precisa do estímulo de todas.<sup>20</sup>

A diretoria da revista publicou no ano de 1997, algumas informações sobre tiragem, número de assinaturas e distribuição aproximada, pois julgava esses dados importantes e interessantes, por retratarem uma parte da realidade das atividades desse grupo de mulheres que formava a Liga. Em 1996, a tiragem havia atingido a marca de 8.300 exemplares por edição, o número de assinaturas foi de 7.670, a distribuição aproximada de revistas de 30.680 números e as doações para as missões foram de 3.500 revistas. Já em 1997, a tiragem alcançou o total de 9.000 revistas, porém a Liga buscava atingir 10.000 assinaturas até 1998, desafio assumido no XVII Congresso Nacional da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, e que foi alcançado com êxito no ano seguinte. A distribuição em 1997 foi de 7.716 revistas por trimestre, com 3.000 revistas distribuídas gratuitamente.<sup>21</sup>

### Publicidade

Os espaços dedicados à publicidade eram ocupados com notícias de lançamentos de literatura cris-

<sup>20</sup> *Servas do Senhor*. Jul./dez. de 1988. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1988. p. 17.

<sup>21</sup> Conforme foi apontado por Tania de Lucca a análise da tiragem é importante por permitir que conheçamos o alcance do impresso no período em que ele foi publicado. Tania de Lucca observou que com o advento do século XX, o Brasil adentrou em um novo tempo, que deixava para trás o passado monárquico e escravista. "A nascente produção fabril, o crescimento do setor de serviços, as levas de imigrantes, a nova paisagem técnico-industrial que se delineava em algumas cidades, ao avanços nas comunicações e no letramento da população, preocupação do governo republicano recém-instalado, justificavam o otimismo regado com os lucros da exportação. (...) os jornais diários de profissionalizaram-se, sem perder o caráter opinativo e de intervenção na vida pública". Acompanhando essa modernização, os novos métodos de impressão permitiram expressivo aumento das tiragens, melhora na qualidade e barateamento dos exemplares, a fim de oferecer aos consumidores uma mercadoria atrante, capaz de atender aos anseios da época. DE LUCCA, Tânia Regina. *Op. cit.*, 2006, p.136.

tã e manuais da Liga usados nos departamentos femininos. O número de abril/maio/junho de 1977, trouxe uma pequena nota divulgando o lançamento da 1ª edição do *Manual das Servas* no Congresso Nacional daquele mesmo ano. Logo após o lançamento, outra propaganda dizia: “Manual das Servas, um livro que edifica, instrui e esclarece”<sup>22</sup>, alertando às mulheres luteranas a adquirirem logo os seus exemplares, pois ele atenderia os anseios de cada “serva”, orientando-as nas muitas maneiras de se empregar o tempo “a serviço do Senhor”.

Outro lançamento divulgado na revista foi o *Manual do Departamento Feminino*, que trazia as principais diretrizes para o planejamento das diretorias, como formá-las, as atribuições de cada membro, sugestões de atividades, passatempos e muitos outros itens. As interessadas deveriam procurar pelo manual com as agentes de literatura das congregações ou pedi-lo à Concórdia Editora.

Os serviços oferecidos pela *Markol Produções Filmagens e Fotos*, passaram a ser divulgados na revista logo após essa empresa responsabilizar-se pela impressão colorida da capa da *Servas do Senhor*, no ano de 1995. A *Markol Produções* oferecia serviços de impressão colorida, filmagens, cópias, transcodificação de cor, consertos de fitas, fotos, lembrancinhas, pôsters.

O baixo número de publicidade demonstrava que a principal fonte de manutenção da revista estava centrada nas assinaturas, daí a importância das campanhas junto às mulheres luteranas para a efetivação de suas assinaturas.

### Colunas

A revista *Servas do Senhor* apesar de ser um instrumento de divulgação de notícias da Liga das Senhoras Luteranas do Brasil e estar dirigida desde a sua criação ao público feminino da Igreja, sempre contou com a participação dos homens. O que chama a atenção é o fato dos assuntos abordados trazerem um posicionamento marcado pelo conservadorismo tanto por parte das mulheres quanto dos homens. É possível observar artigos escritos por ho-

<sup>22</sup> *Servas do Senhor*. 2. trim. 1977. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1977. p. 9.

mens em 90% das revistas analisadas e também colunas escritas somente por homens, como foi o caso da coluna *A Mulher Hoje*, do pastor e professor Lauro Patzer, que através de pequenas crônicas procurava interpretar o universo feminino. Com o propósito de aconselhar as senhoras luteranas, surgiu em 1995 a coluna *Cantinho do Conselheiro*, onde pastores com o auxílio de passagens bíblicas, escreviam mensagens importantes para serem utilizados no cotidiano, na família, na Igreja e na sociedade

Assim, para melhor compreender a presença masculina na revista é importante nos questionarmos quais foram os assuntos que estiveram presentes nos artigos escritos tanto por homens quanto por mulheres, no período que vai de 1970 a 2000. Desta forma, será possível esboçar um comparativo mostrando como se deu as relações de gênero na revista<sup>23</sup>.

Uma das principais colunas era dedicada à presidente da Liga e recebia o nome de *Página da Presidente*, cuja principal finalidade era informar as senhoras luteranas sobre assuntos relacionados à Liga e à revista *Servas do Senhor*. Porém, podemos perceber que esta coluna não tinha somente um caráter informativo, nela foram lançadas importantes reflexões sobre o comportamento da mulher perante a sociedade, reforçando algumas vezes o caráter conservador da revista.

Assuntos relacionados aos projetos da Liga; mudança de diretoria; informações sobre Congressos Nacionais; maior participação das mulheres luteranas nos Congressos; comportamento cristão na família; crescimento dos departamentos de senhoras; servir ao senhor todos os dias; mulheres cristãs; planos de crescimento espiritual; visitas das servas a outros países; os filhos e a educação religiosa; homenagens à Liga; dificuldades financeiras e afetivas; comunicação no lar; felicidade e fim do mundo, serviram de diretrizes para que as presidentes pudessem escrever seus artigos.

Os editoriais, que antecediam o núcleo da revista, durante a década de 1970, obteve a colaboração tanto de mulheres quanto de homens, totalizando vinte artigos, sendo que doze foram escritos por

<sup>23</sup> Ao tratarmos da questão de gênero, conforme já ressaltado na introdução desse estudo nos referenciamos em: SOIHET, Rachel. História das mulheres In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História*. Ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997; SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: *A Escrita da História: novas perspectivas*. Peter Burke (Org.). São Paulo: UNESP, 1992; ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. *Revista Estudos Feministas*. v. 13, n. 2. Florianópolis, maio/agosto de 2005; PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2001; PERROT, Michelle. *As mulheres e os silêncios da História*. EDUSC: Bauru, 2005; PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. DEL PRIORI, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. DEL PRIORI, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.

mulheres, quatro por homens e cinco não foram assinados. A coluna dos editoriais passou a ser fixa e escrita por Elaine Stahloefler ao longo dos anos 80 e 90, trazendo discussões que privilegiaram temas como mordomia cristã, uma retrospectiva pelos 25 anos da Liga, homenagem à revista *Servas do Senhor* pelos 35 anos.

Entre os assuntos discutidos nos editoriais pelas mulheres estavam: o trabalho missionário da Igreja Luterana do Brasil em Portugal; a influência da mulher na igreja; datas comemorativas e seus significados; lições como “ser confiante no Senhor”, “receber bênçãos” e “desafios cotidianos”; mordomia cristã; homenagens à Liga e à revista *Servas do Senhor*; os projetos missionários desenvolvidos pela Liga; notícias relacionadas os Congressos Nacionais, Instituto Concórdia; liberdade para servir, agir e amar; vida espiritual; problemas ambientais e a paz mundial. A família também permeou muitas discussões, sendo freqüente as abordagens tratando do papel de mãe; infidelidade conjugal; a relação das mães com os filhos; e união nas famílias. Já os assuntos discutidos pelos homens traziam mensagens sobre Deus, Natal e dificuldades cotidianas no lar.

A coluna dedicada aos Planos de Crescimento Espiritual, que recebia o nome de *Estudo*, apresentava matérias que serviam de apoio em estudos bíblicos de departamentos femininos, e que também podiam ser utilizados no lar em meditações com a família. Estes estudos eram assinados tanto por homens quanto por mulheres, pertencentes à Comissão de Crescimento Espiritual, mas havia casos em que não continham assinaturas, aparecendo apenas o indicativo de que a coluna estava sob a responsabilidade da *Comissão*.

Durante a década de 70 foram elaborados 25 Estudos Bíblicos, dos quais cinco escritos por homens, dois por mulheres e dezoito assinados pela Comissão de Crescimento Espiritual. Já nos anos 80 foram trinta e cinco Estudos Bíblicos, dos quais dezessete escritos por homens e dezoito pela Comissão de Crescimento Espiritual, e nenhuma colaboração das mulheres. Nos anos 90 as mulheres novamente voltaram a ter espaço na coluna, sendo que

de um total de 32 Estudos Bíblicos, desses dezesseis foram escritos por homens, treze por mulheres e três pela Comissão de Crescimento Espiritual.

Os assuntos discutidos na coluna *Estudo* foram os mais variados: a feitiçaria; consulta aos mortos; prognosticação; meios de comunicação; interpretação do distintivo da LSLB; educação, família e igreja; a mulher cristã; hino e lema da Liga; devoção doméstica; 75 anos da Igreja Luterana; mordomia cristã; visitas às irmãs inativas; Lutero e a educação; Lutero como pai e chefe de família; a Bíblia e o trabalho; projetos missionários; servir e obedecer com alegria.

A revista também mantinha uma coluna especial em língua alemã. Vale ressaltar que a *Servas do Senhor* era o único veículo de comunicação da Igreja Luterana que ainda conservava espaço para artigos no idioma de Lutero, o alemão, mostrando a preocupação dos organizadores deste impresso em atender aquelas pessoas que ainda não falavam a língua portuguesa em nosso país. A Página Alemã na década de 70 variava de dois a quatro artigos, sempre escritos por mulheres, e também contava com a presença de poesias, que não ultrapassavam o número de duas por edição. Na década de 80, é possível observar a presença de artigos assinados por homens em dois números da revista. A média de artigos se manteve igual a da década anterior, dois a quatro por edição. Nos anos 90 foram pouco mais de 3 artigos por edição, escritos em sua maior parte por mulheres, reservando também espaço para poesias.

Quanto à produção poética da revista, nessas três décadas esteve, em sua maior parte, sob a responsabilidade das mulheres. Esse fato é facilmente comprovado se considerarmos que na década de 70 foram escritas poesias, sendo que seis foram escritas por homens, quatorze por mulheres e apenas duas não foram assinadas. Nos anos 80 foram trinta e oito poesias, dessas, vinte e nove elaboradas por mulheres, quatro por homens e cinco não assinadas. E das trinta e oito poesias presentes na revista na década de 90, trinta e uma foram feitas por mulheres, três por homens e quatro não assinadas.

Quanto às receitas gastronômicas e demais di-

cas para tarefas domésticas, apareceram poucas vezes, somente em três números da revista na década de 70 e no número do quarto trimestre de 1994, geralmente eram pequenas dicas de aplicação doméstica e pequenas receitas. Foram ao total sete receitas, todas escritas por mulheres, tendo como principal objetivo auxiliar as esposas a prepararem pratos diferentes, principalmente para as datas comemorativas, como o Natal. Entre essas receitas estavam: dicas de como preparar um peru recheado, fazer panettone, bolo de especiarias, torta de nozes, rosquinhas de Natal, bolos de côco e chocolate, sorvetes e doces caseiros. Já as dicas caseiras eram úteis para solucionar pequenos transtornos domésticos como: retirar ferrugem de objetos de ferro, afugentar insetos, remover manchas e riscos de madeira clara, entre outras.

A coluna *Distritos Informam*, trazia uma síntese das principais atividades que os diversos distritos reunidos por todo Brasil desenvolviam ao longo do ano, dando ênfase aos Congressos Distritais. Essa coluna era assinada com certa paridade entre homens e mulheres.

Havia também uma coluna dedicada à divulgação de pequenas notícias da Liga, dos departamentos femininos e da própria revista *Servas do Senhor*, escritas em sua grande maioria por mulheres. Assim foram divulgadas durante a década de 70, notícias escritas por mulheres e apenas cinco por homens. Na década de 80 foram cem notícias escritas por mulheres contra duas por homens. No decorrer dos anos 90 foram notícias escritas somente por mulheres. Foram notícias, ao longo dessas três décadas, assuntos como: Congressos Nacionais e distritais; trabalhos missionários em outros países; novos projetos da Liga; aniversários de departamentos femininos; inaugurações de capelas; notícias das Ligas de outros países; revista *Servas do Senhor*; notas de falecimento; bolsas de estudo; relatórios de atividades de departamento; feiras beneficentes; aniversário de senhoras luteranas; Congressos dos Jovens Luteranos; Missão (pelo rádio e na prisão); Convenções da Igreja Luterana, etc.

De 1977 à 1986 a revista passou a dedicar um es-

paço às jovens luteranas, com o objetivo de oportunizar uma aproximação maior entre mães e filhas, haja vista, que a experiência das mães aliada à “maneira nova” das “jovens ver as coisas”, poderia render excelentes discussões sobre assuntos como namoro, estudo, profissão, religião, família, etc.

Durante o período em que a *Página das Jovens* esteve presente na revista foram escritos 32 artigos por mulheres e apenas um por homem que apresentava uma oração que os pais deveriam fazer aos filhos que entravam na universidade. Já os escritos por mulheres procuravam mostrar às jovens que através da experiência de suas mães, que seriam “instrumentos de Deus e da sociedade”, elas poderiam se libertar e amadurecer. Desta forma, os assuntos discutidos nos artigos versaram sobre as dúvidas freqüentes das jovens; maior participação nos trabalhos missionários da igreja; jovens e a família luterana; direitos e deveres; a jovem universitária luterana; felicidade; jovens confusos e angustiados; hospitalidade cristã; namoro e noivado; mulheres e a beleza; o verdadeiro Natal; amizades; orações pela pátria.

A coluna a *Mulher Hoje*, escrita pelo professor e pastor Lauro Patzer, surgiu na revista no ano de 1985 e permaneceu até 1993. Através de pequenas crônicas, Lauro Patzer, pastor e professor de sociologia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), procurava refletir sobre os conflitos, os problemas, as dúvidas e os sentimentos, ou seja, as conseqüências de ser mulher em um século onde elas passaram a ter seu espaço garantido no meio social. Entretanto, suas crônicas retiravam dessas reflexões em torno do universo feminino importantes lições para um grupo de mulheres em especial, aquelas a quem a coluna tinha como alvo principal: as mulheres cristãs luteranas.

Entre os assuntos discutidos na coluna *A Mulher Hoje*, estavam: a mulher cristã e o feminismo; a mulher na educação; a Legislação e os direitos da mulher; mães, filhos e a televisão; a mulher e a família; moda, moral e educação; infidelidade conjugal; sentimentos reprimidos; velhice; adolescentes grávidas; as novelas e seus “novos valores”; quando

o chefe de família é contestado; a mulher e o vestuário; educação, a subordinação é necessária.

A coluna *Eu Nem Havia Pensado Nisso*, também era escrita no formato de crônicas, por Rosemarie Lange, que através de fatos vivenciados em seu cotidiano, procurava levar as leitoras da revista, a refletirem sobre seu papel de mãe, esposa e mulher, através de episódios diários que ocorrem na vida de toda mulher, tirando disso importantes lições. Rosemarie Lange procurou abordar em suas crônicas questões como: crianças abandonadas; significados do Natal; importância de pequenos gestos; pensamentos positivos; expressar o amor ao próximo; jovens; preconceitos; Deus; família; mordomia cristã; religiões; lições de vida; trabalho; amigos; tristeza e solidão; ídolos e; fazer missão.

Ainda cabe destacar a coluna *Cantinho do Conselheiro*, que a partir de 1995, tornou-se um importante instrumento de comunicação dos conselheiros da Liga com as senhoras luteranas, com artigos que transmitiam palavras de orientação e consolo, sobre temas como família, filhos, meios de comunicação, LSLB, saúde, educação, lar, novos valores, mulher, entre outros valores.

Diante de artigos e colunas escritas tanto por homens quanto por mulheres, resta-nos saber quais foram os assuntos que mais despertaram o interesse e opinião, tanto dos homens quanto das mulheres, para que desta forma possamos chegar a algumas conclusões.

### **Diferenças e semelhanças na maneira de pensar o comportamento feminino**

O século XX foi palco de profundas transformações na maneira de entender o sujeito histórico, mulheres, crianças, idosos sempre existiram, mas nunca antes haviam sido considerados como segmentos da sociedade.<sup>24</sup> Para Raquel Soihet, a grande reviravolta pela qual passou a história nas últimas décadas do século XX, permitiu que temáticas e grupos sociais, até então pouco abordados, passassem a ser alvo de estudos. Entre esses estudos citase o crescente desenvolvimento de estudos sobre as

<sup>24</sup> SOIHET, Rachel. História das mulheres In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Dominios da História*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 297.

mulheres. Na visão de Soihet o aumento no interesse por pesquisas relacionadas à História das Mulheres, deu-se em grande parte graças ao importante papel desempenhado pela história cultural e sua constante preocupação com as identidades coletivas de diversos grupos sociais: pluralizam-se os objetos da investigação histórica, e, nesse bojo, as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história. Foi no século XX que a mulher viveu os conflitos relativos ao seu gênero, na disputa pelo seu espaço.<sup>25</sup>

Através da análise dos conteúdos presentes nas colunas da revista *Servas do Senhor*, observa-se que havia uma preocupação em torno da receptividade desses acontecimentos ocorridos ao longo do século XX, pelas senhoras luteranas. Desta forma foi no intuito de esclarecer às senhoras luteranas, qual caminho deveriam seguir, que tanto homens quanto mulheres, utilizaram-se da revista para escreverem artigos nos quais discutiam assuntos relacionados ao trabalho; à posição da mulher na igreja, na sociedade e na família; ao aborto; aos movimentos feministas; à evolução humana; à cidadania; à assistência social; ao terceiro milênio; ao homossexualismo; à educação; à sexualidade; aos valores morais e éticos; à moda; e aos meios de comunicação.

Assuntos relacionados à família e à mulher, estiveram com maior frequência no bojo das discussões, haja vista, que a senhora luterana sempre foi, conforme vários textos da revista indicam, uma mulher “doméstica”, “vinculada à família” e a responsável principal pela educação dos filhos. Todavia, a sociedade sofreu mudanças e com isso novos valores e atitudes foram surgindo, e como já foi visto, um exemplo disso são as mulheres que conquistaram seu espaço através das transformações ocorridas ao longo do século passado, passando a desfrutar de representatividade na política, no esporte, no trabalho, na educação.<sup>26</sup>

Toda essa gama de mudanças também atingiu a mulher luterana, pois essa passou a ser mais ativa, profissional, social e religiosamente, “construindo o seu futuro profissional, investindo em nível superior. Atualmente destaca-se por encarar uma múlti-

<sup>25</sup> Sobre esse assunto ver: BRUSCHINI, Maria Cristina e PINTO, Célia Regina (Org.). *Tempos e lugares de gênero*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 34, 2001; CORREA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um estudo pessoal. *Cadernos Pagu*, 16. IFCH/Unicamp, 2001; DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

<sup>26</sup> Sobre a representatividade alcançada pela mulher nos diversos setores da sociedade ver: SALGADO, Plínio. *A mulher no século XX*. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1949. PIMENTEL, Silvia. *Evolução dos direitos da mulher – norma, fato, valor*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1978. HAHNER, June E. *A Mulher Brasileira – e suas lutas sociais e políticas: 1850–1937*. São Paulo: Brasiliense, 1980. AUAD, Sylvia M. Von Atzingen Venturoli. *Mulher – Cinco séculos de desenvolvimento na América – capítulo Brasil*. BH: Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CREZ/MG, Centro universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999. BRUSCHINI, Maria Cristina; UMBEHAUM, Sandra (Org.). *Gênero democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 34, 2002.

pla atividade que precisa desenvolver: familiar, social e religiosa, o que a prepara para desafios muito maiores, tanto no presente quanto no futuro<sup>27</sup>.

Sobre essa evolução ocorrida na história das mulheres, o pastor Danilo Fach, escreveu o seguinte:

A evolução interfere na vida e no trabalho da igreja. A pessoa evolui e cria novas formas, instrumentos, espaços, leis e comportamentos para ela. A evolução social traz consigo coisas boas e más. Como podemos ser solidários à família, principalmente à mulher, que é alvo da exploração justamente no intuito de responder a questões como esta que homens e mulheres escreveram seus artigos para a revista *Servas do Senhor*, artigos esses que serão tratados de maneira mais detalhada nos capítulos seguintes.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> *Revista Servas do Senhor*. 4. trim. 1999. Condição, Porto Alegre. p. 6.

<sup>28</sup> *Idem*.

<sup>29</sup> Michele Perrot ao analisar a *dona de casa no espaço parisiense no século XIX*, também observou que entre os tipos de funções desempenhadas por aquelas mulheres estava a função de educação dos filhos e manutenção da família. A dona-de-casa está investida de todos os tipos de função. Primeiramente, dar a luz e criar filhos que leva consigo e, a partir do momento em que sabem andar, acompanham-na por toda parte. A mulher e seus filhos são figuras profundamente reproduzidas pela iconografia da época. A segunda função era a manutenção da família, os “trabalhos domésticos”, expressão que tem um sentido muito amplo, incluindo a alimentação, o aquecimento, a conservação da casa e da roupa, o transporte de água. PERROT, Michelle. *Op. cit.*, 2006, p. 214.

Partindo das considerações esboçadas, pode-se observar que: 1) a organização das mulheres luterana se deu muito antes da década de 1960, considerado o decênio onde ocorreu uma organização efetiva dos movimentos feministas; 2), todavia as mulheres congregadas nas ligas femininas luteranas não gozavam de autonomia, dependentes que eram da liderança masculina; 3) esta situação vem às claras quando se analisa a revista *Servas do Senhor*, seja nas dificuldades em manter a periodicidade do impresso e demais dificuldades de caráter estrutural, seja no conteúdo corrente nas colunas.

### A família

Para os homens a maior responsabilidade da mulher cristã era dentro do próprio lar, no companheirismo com o marido e na educação cristã dos filhos<sup>29</sup>. Consideravam que assim a mulher poderia ter maior capacidade para ensinar valores como: sentido de autoridade, respeito pelo bem coletivo e o bem alheio, aceitação da obediência às regras estabelecidas (dentro da escola, da igreja, do lar, no trânsito, no bairro). Incentivar e promover em sua casa um ambiente de respeito à individualidade de cada um, também era essencial. Alguns diziam que a tarefa de mãe igualava-se a de um presidente ou

governador, já que dentro do lar eram tomadas importantes decisões.

A mulher enquanto dona-de-casa cristã tinha o privilégio de saber que os bens materiais eram secundários, passageiros e não preenchiam sua vida — um alerta para que não fossem “seduzidas” pelas propagandas de rádio, televisão, vitrines das lojas e revistas, que as estimulavam a comprar o que muitas vezes era considerado supérfluo.

Era importante que as mulheres costurassem a roupa dos familiares, fizessem a comida, o pão, a manutenção de uma horta, além de servir a Deus e ao próximo. No caso de mães que necessitassem trabalhar fora de casa, um fator importante para o equilíbrio do trabalho da mulher era que ela não trouxesse para dentro do lar os problemas de seu emprego, as queixas contra patrão e os colegas.

Danilo Fach indicou alguns desafios que a mulher do terceiro milênio teria que enfrentar em três áreas muito importantes: família, igreja e sociedade.

1) No caso da família, enquanto esta toma um rumo de separação e descomprometimento, que proposta e ação ela tomará em favor da família? A composição, união, formação e conservação da família ainda é importante? Deve-se investir na família? Como investir numa família saudável, informada e cristã diante de uma sociedade tão pluralista?

2) Como se habilitar profissionalmente para competir com o mercado de trabalho e não se descuidar de suas múltiplas funções e da essência da comunhão com meu salvador?

3) Haveria outras formas financeiras, cooperativas, parcerias para prover o sustento da evangelização, dentro da mordomia cristã, além das sacolinhas e Revista Servas, para manter a missão de Deus e acelerar o seu desenvolvimento, diminuindo o espaço e a distância entre a igreja e o seu alvo?<sup>30</sup>

A educação, considerada a tarefa mais importante no lar, e ao mesmo tempo, a mais difícil para a família, transportava à mulher uma enorme responsabilidade. Sendo mãe e principal tutora, seu desem-

<sup>30</sup> *Servas do Senhor*. 4. trim. 1999. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1999. p. 8.

penho era de máxima importância. “Ela é a melhor professora, pois tem em mãos o legado dos valores espirituais, que nenhuma outra poderá ensinar tão bem”<sup>31</sup>, dizia o Rev. Nestor Beck, ao considerar o lar a melhor escola.

Se dentro do lar deveriam ser ensinados os valores mais importantes para as futuras gerações, caberia à mãe cristã, mostrar às crianças as principais noções, inclusive sobre Deus. Para isso, não haveria outro alicerce mais substancial do que a Bíblia, detentora de código dos mais elementares valores que a educação cristã deveria incorporar. Nas questões básicas do “certo” ou “errado”, a Bíblia teria de ser o livro guia das mães, de modo que nenhum tratado pedagógico ou de psicologia deveria invalidar a sabedoria moral e espiritual deste livro.

Lauro Patzer, comungando com as noções de Beck, todavia, tratando da educação escolar, destacou que essa não era uma tarefa fácil, já que os problemas de disciplina revelavam-se cada vez mais graves principalmente com o desserviço prestados pela televisão, pelos brinquedos eletrônicos, aliados a outras dificuldades como os sentimentos “reprimidos de casa” e falta de uma “orientação disciplinar mais realista e eficiente”. As mães deveriam, assim, incentivar seus filhos ao gosto pela aprendizagem, uma vez que o aluno para aprender, precisava querer aprender, ou pelo menos, querer chegar a aprender.

Para Patzer, de nada adiantaria dar ao aluno plena liberdade se ele não soubesse como usá-la. O professor ao fazer isso, contribuiria para “bloquear toda a dinâmica da sala com indisciplina”<sup>32</sup>. A sala de aula tinha de ser pautada num ensino, por ele chamado, de “dialético”, onde o professor precisa falar e o aluno ouvir, o aluno perguntar e o professor responder. “Aluno e professor precisam de comunicação constante. Tal situação é[ra] impossível onde o professor depende[sse] de gritos para ser ouvido”<sup>33</sup>. Todas essas necessidades imprescindíveis ao aprendizado teriam de ser desenvolvidas nos lares e deveriam ser instrumentalizadas pela figura central da educação doméstica: a mãe.

Outro assunto que também esteve presente nos

<sup>31</sup> *Servas do Senhor*. 3. trim. 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1985. p. 7.

<sup>32</sup> *Servas do Senhor*. 3. trim. 1988. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1988. p. 15.

<sup>33</sup> *Idem*.

artigos escritos pelos homens, foi a preocupação dos pais com questões referentes à educação sexual e os filhos adolescentes. Uma observação feita pelo pastor Vili Redel, constatou que a única receita ou dica, sobre educação sexual, passada aos jovens, considerada a “gloriosa solução”, se resumia apenas em duas palavras: usar camisinha.

Esse “glorioso” conselho, na opinião de Vili Redel, transforma-se apenas em mais um incentivo aberto, para aqueles que quisessem “fazer amor”, não importando com quem, onde, quando ou por quê<sup>34</sup>. Valores como virgindade, castidade e sexo somente para casados, eram algo que nem se cogitava, haja vista, ser a preocupação com a AIDS ou com uma gravidez precoce, facilmente resolvidos com um simples “use camisinha”.

No entanto, a “gloriosa solução”, encontrada em um simples “use camisinha”, em alguns casos não era suficiente, o que acabava tornando a adolescência uma fase que merecia a atenção especial dos pais, educadores e instituições sociais, no que dizia respeito à gravidez, que se tornava algo preocupante e crescente.

Lauro Patzer indicou que gravidez no começo da adolescência, além de não ser desejada, era vista com preconceito por parte da sociedade, além de ocorrer sob fortes tensões emocionais. Somados aos prejuízos psicológicos haveriam sérios riscos orgânicos como incidência de toxemia, pré-eclampsia, mortalidade perinatal e morbidade. Ainda haviam os casos de adolescentes que não desejando levar a gravidez até o final, procuravam no aborto clandestino a solução para seus problemas.

Desta forma, Patzer procurou analisar a questão sob o ponto de vista médico, educativo e social, e do ponto de vista ético-cristão. A escola, ao enfrentar problemas de gravidez na adolescência, deveria contar com a ajuda de uma orientadora educacional, procurando instruir e orientar as jovens, evitando o cancelamento de matrículas, tão comuns nesses casos e que não resolveriam o problema. Da mesma forma, a família e a igreja não alterariam o quadro com punições morais, pois são nesses momentos que a grávida imatura mais precisaria do apoio dos pais

<sup>34</sup> *Servas do Senhor*. 3. trim. 1998. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1998. p. 8.

e da tolerância das pessoas de seu círculo comunitário<sup>35</sup>.

As medidas preventivas frente ao problema deveriam ser promovidas tanto pela escola, como pela igreja, através de informação e formação para evitar a proliferação de mães adolescentes. Aliada às medidas preventivas, deveria estar a “construção de um ambiente de confiança” entre pais e filhos dentro do lar.

No intuito de ajudar a solucionar o problema o pastor Vili Redel, apontou quais conselhos os cristãos poderiam utilizar como “receita”, para orientar os jovens no caminho correto a seguir: “nós cristãos, teremos sempre a Palavra de Deus como lâmpada e luz, verdade e norma em todo o nosso pensar, falar e agir, educar os filhos, os jovens em particular, na doutrina do Senhor será sempre a meta sagrada”<sup>36</sup>.

No entanto, o pastor Wilson Villanova, observou que não eram apenas problemas relacionados aos filhos, que a família estava enfrentando, outros sérios problemas rondavam os lares cristãos. Dentre eles destacou a inserção da mulher no mercado de trabalho, que se deva com imensos prejuízos à família cristã. Para Villanova, o aumento assustador do índice de separações; de casos de homossexualismo de contestação ao casamento estava intimamente ligado ao novo estilo de vida dos casais que o ao saírem para trabalhar, devido às necessidades econômicas, deixavam os filhos sozinhos ou entregues a empregados.

Diante dessa alarmante situação, o que os pais cristãos deveria fazer? Segundo Wilson Villanova, a única solução mais viável era recorrer “à orientação infalível da Palavra de Deus”<sup>37</sup>, educando os filhos a praticarem as orientações encontradas na Bíblia, pois os jovens ficavam confusos em meio a tantas transformações.

Ao Rev. Luiz Carlos Garlipp, também causava espanto o grande número de casamentos que fracassavam, por não conseguirem superar os problemas de uma nova modalidade de vida onde o tempo da tolerância era cada vez menor. Alguns casamentos duravam apenas meses, resultado de uma série

<sup>35</sup> *Servas do Senhor*. 4. trim. 1986. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1986. p. 16.

<sup>36</sup> *Idem*.

<sup>37</sup> *Servas do Senhor*. 3. trim. 1998. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1998. p. 8.

de pressões que atingiam os casais e para as quais não estavam preparados. O Rev Garlipp elencou algumas das pressões que sofriam o casamento, entre elas estavam:

- 1) o trabalho e os compromissos retiram todo o nosso tempo e nos deixam nervosos e intolerantes;
- 2) a questão financeira pesa e atrapalha o relacionamento;  
as palavras que dizemos em certos momentos abalam o casamento;
- 3) amor baseado apenas na aparência física, nos prazeres que poderiam proporcionar, na oportunidade de sair de casa
- 4) a falta de garra, de perseverança e não saber lutar pelo que se quer, leva ao desânimo e à fuga;
- 5) especialmente a falta de Deus nas vidas;<sup>38</sup>

Diante dessa realidade e das pressões que assolava o casamento, caberia aos casais unirem-se para enfrentar as dificuldades, uma vez que o amor era o único vínculo capaz de tornar forte o casamento e, por isso, precisava “cultivado para crescer e ser forte”<sup>39</sup>.

Os baixos índices de natalidade também eram motivos de preocupações por parte dos colaboradores da revista *Servas do Senhor*, perplexos que estavam com frases do tipo “eu não nasci para ser coelha” ou até mesmo “a maternidade é uma estereotipia da sociedade burguesa capitalista”. Considerações, tidas como feministas, como essas, foram duramente refutadas pelo pastor Fermino Bündchen, para quem essa “crise da geratividade”, por que passavam algumas mulheres, gerava dois extremos, que os cristãos condenavam: “por um lado as mulheres que não queriam ser mães, e por outro, uma proliferação irresponsável de filhos e a conseqüente explosão demográfica”<sup>40</sup>. Para o pastor, isso era resultante de idéias importadas que confundiam a mente da mulher brasileira, levando uma pequena minoria a renegar a maternidade, demonstrando que fora do círculo da Igreja era possível escutar coisas que mexiam com os pilares das estruturas cristãs.

O professor Lauro Schoedler, ao ser questionado

<sup>38</sup> *Servas do Senhor*. 4. trim. 1981. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1981. p. 9.

<sup>39</sup> *Servas do Senhor*. 4. trim. 1993. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1993. p. 12.

<sup>40</sup> *Idem*.

sobre o maior problema da mulher na década de 90, esclareceu que a mulher brasileira, como todos os brasileiros, necessitava de uma maior inclinação à leitura, ao estudo e principalmente à discussão com os homens e filhos sobre os problemas do lar, do trabalho e do país, utilizando sabiamente seu tempo para acertar, construir, elogiar. Todavia, apontou que de nada adiantaria tais esforços se a mulher continuasse a insistir no maior de seus erros: “querer tornar-se igual ou melhor que os homens — mais racional, mais lógica”<sup>41</sup>. Deste modo, para Schoedler, à mulher, um desafio tornava-se capital em tempo de exacerbado feminismo: “permanecer feminina, sensível e intuitiva [para assim] conseguir que os homens sejam mais solidários com as atividades das mulheres”<sup>42</sup>.

Sobre a atuação da mulher dentro e fora do lar, Lauro Schoedler, não se colocava contra, pois percebia que as novas modalidades de trabalhos tornavam a mulher mais participativa dentro do lar, permitindo uma maior atuação da mesma no sustento familiar, ajuda em muitos casos imprescindíveis. Contudo pedia compreensão àquelas mulheres que muitas vezes não podiam trabalhar fora, por diversos motivos, desde que esses motivos não fossem machismo, tirania do marido ou acomodação do casal.<sup>43</sup>

### O feminismo

Lauro Patzer definia as feministas como um grupo de mulheres que lutavam contra o domínio dos homens nos diversos setores da sociedade, buscando a igualdade e projetando suas reivindicações na esfera pública.<sup>44</sup> Porém, na avaliação de Patzer, o feminismo, não havia sido homogêneo em seus princípios e em suas reivindicações, por ter se dividido em grupos que pleiteavam objetivos diferentes, entrando em constantes contradições.

Para Lauro Patzer, mesmo com contradições “o feminismo galopante era um sintoma, não do processo histórico e sim, de uma crise de identidade aliada ao desfibramento das famílias, da influência dos valores pregados pelas novelas e o gradativo afasta-

<sup>41</sup> *Servas do Senhor*. 1. trim. 1986. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1986. p. 17.

<sup>42</sup> *Servas do Senhor*. 2. trim. 1994. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1994. p. 8.

<sup>43</sup> *Idem*.

<sup>44</sup> *Servas do Senhor*. 2. trim. 1994. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1994. p. 8.

mento do ser humano da hierarquia da natureza”<sup>45</sup>.

O feminismo também havia sido responsável por desencadear uma situação paradoxal: paralelamente ao fenômeno do feminismo se contemplava o “afeminamento do homem ao lado da machificação da mulher”<sup>46</sup>. Devido a esse fato, Patzer, considerou que nesta época alcançou-se o ápice do “masculino-feminino” ou “crepúsculo do macho”. Aos olhos dos cristãos luteranos o feminismo havia trazido consigo um ciclo de anomalias, responsável por um terceiro “espécime” com características bivalentes.

Em tempos de feminismo, “machificação da mulher”, “crepúsculo do homem”, uma dúvida surgia: onde a mulher cristã deveria procurar orientação sobre o assunto? Nas palavras de Patzer, essa orientação deveria ser encontrada na Bíblia, que trazia como principal papel da mulher, conforme a ordem da Criação, prestar auxílio ao marido, o que não remeteria, necessariamente, à subjugação ou escravidão, ao contrário, homem e mulher estariam ligados por uma relação de mútua dependência.

Seguindo os preceitos bíblicos, a mulher cristã estaria acima de quaisquer modismos feministas e, o mais importante, consciente da mútua dependência entre o homem e a mulher, acabando, assim, com a grosseira “guerra dos sexos”.

Como forma de mostrar às mulheres que elas não estavam em uma situação de inferioridade com relação aos homens, Patzer procurou evidenciar alguns pontos importantes da Legislação e os direitos da mulher, que muitas vezes elas desconheciam. Lauro Patzer lembrou que durante muito tempo a “condição física da mulher serviu de base para que ela fosse considerada inferior ao homem, ela não podia contrair dívidas, assinar documentos de compromisso, exercer profissão, mesmo com formação universitária. (...) Portanto, o marido era o verdadeiro dono da mulher”<sup>47</sup>.

Porém, com a regulamentação dos direitos da mulher no Brasil, esse quadro mudou, e ela passou a gozar de uma soma de direitos, na Legislação trabalhista, por exemplo, a mulher possui amplas prerrogativas, em termos de aposentadoria ela precede o homem em cinco (5) anos, lembrou Patzer.

<sup>45</sup> *Servas do Senhor*. 1. trim. 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1985. p. 12.

<sup>46</sup> *Idem*.

<sup>47</sup> *Idem*.

Ao fazer essas considerações sobre a legislação e os direitos da mulher, Patzer, procurou alertar às mulheres sobre seus direitos e deveres, no entanto, procurou esclarecer que no que diz respeito ao círculo familiar cristão as convicções no Evangelho estão acima de quaisquer leis e direitos. “Quando qualquer membro da família precisa valer-se do direito da Lei, é sinal que o lar está implodindo”<sup>48</sup>.

Algumas feministas usavam essa libertação feminina para condenarem a preparação da mulher para as funções exclusivas de mãe e dona de casa. Sobre a discussão em torno da não realização da mulher enquanto dona de casa, Patzer argumentava que nem sempre isso acontecia, haja vista, a quantidade de mulheres perfeitamente realizadas com a vida restrita à casa. Outras não, mas em contrapartida, havia uma geração de filhos entregues aos cuidados de empregadas domésticas e creches.

A sociedade fazia a mulher se sentir mal com o “status de cozinheira”, eram grandes as pressões para que ela acompanhasse a onda e assumisse o papel de uma “mulher aberta”. Porém, desse problema surgia um confronto: como adequar os padrões cristãos dentro dos padrões da época? Patzer respondeu a essa pergunta da seguinte maneira:

a mulher cristã, está exposta à rudeza de uma realidade que é inclemente à sua e sobre o destino de seu lar. Por todos os lados, recebe influências ligadas à educação dos filhos, ao relacionamento com o marido, seu papel de esposa”. Há um “novo código feminino” nas bases de interesses comerciais, o pior de tudo é a instrução à rebeldia. Por outro lado, o apóstolo Paulo escreveu: “as mulheres sejam submissas...”; o homem é o cabeça do mulher.... Foi um equívoco do apóstolo? Foi um atitude machista? Como ajustar estas frases dentro da mentalidade de hoje?<sup>49</sup>

<sup>48</sup> *Servas do Senhor*. 4. trim. 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1985. p. 17.

<sup>49</sup> *Servas do Senhor*. 4. trim. 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1985. p. 17.

Assim, contrariando os preceitos feministas, Patzer pretendia fazer as mulheres se sentirem suficientemente corajosas para se oporem aos modismos imperantes, enquadrando os padrões de seus lares dentro dos velhos e milenares padrões bíblicos, apesar da profusão de novas idéias e valores.

Patzer, também, procurou mostrar que as idéias feministas, incitavam as mulheres a acabar com a figura do chefe de família, pois segundo a defesa dos direitos da mulher, “o conceito de chefe de família é[ra] fruto da sociedade burguesa machista”<sup>50</sup>. Porém, esses novos ideais de liberdade dirigidos às mulheres, faziam lembrar os dois terços de mulheres no mundo cuja realidade era bem diferente das mulheres ocidentais: as orientais, que em alguns países, não passavam de uma “escrava especial dos homens”<sup>51</sup>.

Partindo do exemplo das mulheres orientais, as ocidentais deveriam perceber que não existiam motivos para exigirem o término da postura do chefe de família. Para Lauro Patzer, isso não passava de um grande equívoco por parte das mulheres, pois não perdiam para os homens no âmbito dos direitos. Salientava que o único suporte entre o marido e a esposa não deveria ser um pedaço de papel com um “itinerário de leis”, mas a afinidade entre ambos, que deveria estar acima de quaisquer concepções feministas e machistas, acima de tribunais e constitucionalidades jurídicas, nenhum “clichê ideológico” iria mudar o curso da natureza entre homem e mulher.

### **Participação da mulher na igreja**

“Deus dá habilidades especiais e diferentes e esta divergência de dons é necessária aos muitos trabalhos e às várias necessidades da vida”, dizia Luiz Carlos Garlipp, ao explicar que a distribuição de dons entre os seres humanos<sup>52</sup>, tinha como principal objetivo o benefício de todos mutuamente. Baseando-se neste pressuposto, Luiz Carlos Garlipp, indicou algumas áreas nas quais as mulheres poderiam empregar seus talentos, contribuindo para o crescimento da igreja:

como professora da escola dominical; no programa de missão; na visita aos doentes; sendo organista nos cultos; fazendo parte de uma comissão de trabalho em seu departamento feminino ou da congregação; colocando literatura cristã em lugares públicos; dando atenção e

<sup>50</sup> *Servas do Senhor*. 2. trim. 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1985. p. 12.

<sup>51</sup> *Servas do Senhor*. 3. trim. 1987. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1987. p. 16.

<sup>52</sup> *Idem*.

conversando com crianças de sua rua; interessando-se pelos idosos; remendando roupas para os necessitados; ajudando financeiramente as instituições de caridade da igreja; participando das atividades da escola de seus filhos.<sup>53</sup>

A mulher não poderia pensar que suas habilidades eram muito simples e pouca falta faziam no trabalho da igreja, ao contrário teria que usá-las desde o momento de sua descoberta, desenvolvendo de acordo com as condições, possibilidades e oportunidades que surgissem.

Foi justamente por julgar importantes as tarefas desempenhadas pela Liga das Senhoras Luteranas, que em 1975, o presidente da Igreja Luterana do Brasil, Johannes Gedrat, sugeriu à diretoria da Liga, para que as senhoras oferecessem seu serviço à igreja através da ornamentação do novo Centro Administrativo, em Porto Alegre. Segundo Gedrat a contribuição poderia ser dada através de tapeçarias, bordados, pinturas, símbolos cristãos, letreiro luminoso, que poderiam ser conseguidas pelos departamentos femininos de congregações, por meio de ofertas ou promoções especiais.

Como forma de reconhecimento do trabalho das senhoras luteranas pela igreja, o presidente explicou que o centro administrativo seria construído, através de ofertas voluntárias e com a participação de todos os membros da igreja<sup>54</sup>.

O pastor Egon Kopereck, procurava mostrar que as mulheres, enquanto “servas do senhor”, tinham a importante missão de ser uma cooperadora de Deus, colaborando na tarefa de levar Cristo para todos.

### A mídia

Até que ponto a família perdeu com a introdução do aparelho de televisão em seus lares? Com esta questão Lauro Patzer, discutiu a enorme contribuição da televisão, seja por meio das novelas ou das propagandas, para a diminuição do diálogo no seio familiar. Esse seria o lado negativo, porém, reconheceu ter a televisão múltiplas faces, e algumas delas de boa fisionomia, como os noticiários, para acom-

<sup>53</sup> Quanto à divisão de tarefas atribuída a homens e mulheres, Michele Perrot enfatiza que no século XIX essa divisão sexual foi acentuada, ao passo ficou delimitada a função que cada sexo teria, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes. Aos homens, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos. PERROT, Michelle. *Op. cit.*, 2006, p. 178.

<sup>54</sup> *Servas do Senhor*. 4. trim. 1980. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1980.

panhar a dinâmica dos fatos, e até mesmo para a própria religião: “seria retrógrado se afirmasse que a televisão não se compatibiliza com o cristianismo. Gostando ou não, ela é o maior veículo de comunicação de massa do Brasil.”<sup>55</sup>

Era devido ao seu lado negativo que Patzer acreditava que a televisão merecesse redobrada vigilância, principalmente, pelas mães. Entretanto, qual seria o papel da mãe frente ao “controvertido hóspede eletrônico”? A mãe ficaria responsável por: limitar o tempo do aparelho ligado; selecionar o tipo de programação; estimular as crianças ao brinque-do criativo a até mesmo ao esporte e, sobretudo, estimular a criança à leitura, ou seja, preenchendo o tempo de seus filhos com coisas edificantes. Patzer acreditava que “o santuário do lar não deve ser profanado pela adoração ao totem eletrônico”<sup>56</sup>, e nessa tarefa a mulher era de fundamental importância, ao passo que deveria ser responsável por programar e controlar as atividades da família.

Outro problema trazido pelo “hóspede eletrônico” foram as novelas, que acabaram conquistando a atenção não só do público feminino, mas de homens, crianças, idosos e adolescentes (seus espectadores mais assíduos). O horário das novelas, em muitos lares, havia se transformado em “hora sagrada”, transformando os telespectadores em “verdadeiros devotos, que largavam tudo, para prostarem-se diante do totem eletrônico”.<sup>57</sup>

Diante dessa enorme adoração pela televisão e, sobretudo, pelas novelas, Patzer se mostrou preocupado com a situação do lar luterano. Acreditava que o efeito da novela dentro do lar cristão, merecia ser discutido no seio da igreja, sugerindo um debate sobre o assunto nas reuniões dos Departamentos de Senhoras e, principalmente nos congressos distritais.

A novela era apontada como grande “veículo de alienação”, com capacidade para impregnar qualquer valor na mentalidade do grande público, principalmente os adolescentes e as mulheres, considerados os mais vulneráveis, por tentarem reproduzir o tipo de vida exibido pelos seus personagens.

Assuntos relacionados ao homossexualismo, por exemplo, eram tratados nas novelas como algo que

<sup>55</sup> *Servas do Senhor*. 3. trim. 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1985. p. 4.

<sup>56</sup> *Servas do Senhor*. 2. trim. 1986. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1986. p. 8.

<sup>57</sup> *Idem*.

estava na moda, outras questionavam o valor da autoridade paterna, e o reflexo dessas atitudes era facilmente percebido entre os telespectadores, na medida em que se percebia uma ascensão da cultura massificada e um perigoso declínio dos antigos hábitos familiares. Assim, a programação televisiva gerava conceitos e práticas inaceitáveis ao cristão, este, por sua vez, deveria saber “filtrar” essas idéias, conceitos, valores e o modo de vida que eram transmitidos, para não correr o risco de absorvê-las.

As novelas, pensadas, em sua grande maioria para atingir o público feminino, desempenhavam, também, um papel importante, a saber: promoviam e difundiam a moda. Eram as responsáveis por promoverem estilos específicos e gerais, modismos que eram grandemente difundidos entre as pessoas, principalmente, as mulheres. Era compreensível que as mulheres se preocupassem com a auto-imagem, porém a mídia e, sobretudo, as novelas não deveriam ser adotadas como seus principais referenciais.

Nesse sentido, Lauro Patzer, definiu moda da seguinte maneira: “reflexo da situação e da dinâmica de uma sociedade, traduzindo o comportamento das pessoas, de acordo com o lugar, o momento e a época”<sup>58</sup>. Através dessa conceituação Patzer, mostrou que as mudanças do vestuário criaram polêmicas, sob o ponto de vista moral, de acordo com o momento e os valores de um dado período, culminando em reações contrárias à moda, como foi o caso do cabelo comprido na década de 60, do surgimento da minissaia, do lançamento do biquíni, entre outras. Essas mudanças no vestuário levaram Patzer à seguinte conclusão:

Se comparadas com as da atualidade as roupas de banho femininas eram consideradas verdadeiras bombachas de algodão, e por isso menos escandalosas. Há quem diga que por isso, a moral do passado era melhor, porque as pessoas vestiam-se com mais decência.<sup>59</sup>

Observa-se através da afirmação de Patzer, a importância em perceber o caráter humano como algo adquirido, modificável e dinâmico, que cami-

<sup>58</sup> *Servas do Senhor*. 1. trim. 1987. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1987. p. 15.

<sup>59</sup> *Servas do Senhor*. 1. trim. 1991. Rio Grande do Sul: Concórdia, 1991. p. 18.

nha paralelo ao crescimento da humanidade e se torna resultado das mudanças na sociedade, um bom exemplo desse caráter mutável da sociedade foi a moda, que desde a antigüidade se diversificou inúmeras vezes.

No entanto, não importava qual seria a nova tendência lançada pela moda, o amor ensinado por Deus era o único e verdadeiro parâmetro para questionar a moralidade. Caberia à escola, enquanto instituição social formativa, ajudar os educandos, não a fugir do mundo moderno, mas a vivê-lo “despido de preconceitos e falso moralismo”. Patzer aconselhava que não usassem o tamanho, a cor e o corte da roupa, como um pretexto para desprezar ou condenar o semelhante.

### **Considerações finais**

De modo geral, pode-se perceber que a mulher luterana foi representada nos artigos escritos pelos homens de forma semelhante ao que foi exposto naqueles escritos pelas mulheres, seguindo as normas de conduta consideradas condizentes com os valores cristãos luteranos. Desta forma, dedicar-se à família, como “governadora” do lar; participar das atividades da igreja; praticar assistência social; trabalhar fora de casa sem se descuidar de sua função de mãe e esposa; controlar a influência dos meios de comunicação, responsáveis por apresentar conceitos e práticas inaceitáveis ao cristão; preservar o lar como a melhor escola para os filhos; cultivar o amor no casamento e; manter-se acima de quaisquer modismos feministas, eram funções que, segundo os homens, deveriam fazer parte da rotina dessas mulheres. Assim, notamos que os homens tinham significativa influência na manutenção dos costumes femininos, pois, através de sua participação na revista procuravam reforçar os ‘valores’ que julgavam importantes de serem seguidos pelas mulheres.

### **Referências**

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Uma História dos* <sup>60</sup> *Idem.*

*Annales (1921-2001)*. Tradução Jurandir Malerba. Maringá: Eduem, 2004.

ALVES, Ruben. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.

BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989) a Revolução Francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: UNESP, 1997.

BUSS, Paulo Wille. *Um grão de mostarda: a história da Igreja Luterana do Brasil*. V. 2. Porto alegre: Concórdia, 2006.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

\_\_\_\_\_. *Do livro à leitura*. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. *O mundo como representação*. *Revista Estudos Avançados*, jan./abr. 1991, v..5, n.11.

CRUZ, Heloísa de Faria (Org.). *São Paulo em revista*. Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana-1870-1930. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153. 2005.

DONNER, Sandra Cristina. *Os jovens luteranos e a "revolução brasileira": um estudo histórico da Congregação dos Estudantes de Porto Alegre, da Associação Cristã de Acadêmicos e da Revista da Juventude Evangélica na década de 1960*. São Leopoldo (Dissertação de Mestrado em

História). Unisinos, 2001.

DREHER, Martin N. Protestantismo de imigração no Brasil: sua implantação no contextoliberal-modernizador e as conseqüências desse projeto. In: \_\_\_\_\_. *Emigrações: história da Igreja no Brasil*. Aparecida: Santuário, 1993, p. 109- 31.

FRESTON, Paul. Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a Igreja Luterana no Brasil. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, vol. 16, n. 24, p. 61-73, 1998.

GERTZ, René E. Os luteranos no Brasil. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 9-33, 2001.

LIGA DAS SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB). *Manual do departamento feminino*. 4.ed. Concórdia, 1987.

MESQUIDA, P. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: EDJFJ/EDITEO, 1994.

NASCIMENTO, Kelly Cristina. *Entre a mulher ideal e a mulher moderna: representações femininas na imprensa mineira -1873-1932* (Dissertação de Mestrado). 2006.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, nº 52, 2006.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006.

\_\_\_\_\_. *As mulheres e os silêncios da História*. EDUSC: Bauru, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

Revista *Servas do Senhor* 1970-2000, 130 Números.

SARTI, Cynthia A. *O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido*. XXI Congresso Internacional da LASA (Latin American Studies Association), Chicago, Illinois, 1998.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SOIHET, Rachel. História das mulheres In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOUZA, Sandra Duarte de. (Org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Unesp. 2007.

SUZUKI Jr., Matinas. A maquiagem do mundo. *Primeira página. Folha de S. Paulo*. São Paulo: Folha da Manhã, 1985.

VIEIRA, Sonia Bressan. *Imagens de organizações de mulheres no Rio Grande do Sul – 1910-2001*. São Leopoldo, 2001. Dissertação (Mestrado em História) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS.

\_\_\_\_\_. O “Abre-Alas” do Movimento de Mulheres no Rio Grande do Sul. 1910-1990. *Revista de Ciências Humanas* n. 7. Ano VII. 2005.

# A construção do feminino negro no jornalismo de revista brasileiro

Leandro José dos Santos

**Resumo:** As instituições da mídia utilizam e dão significado ao feminino negro utilizando-se da iconografia de seus corpos. Seguindo a metodologia da hermenêutica de profundidade, desenvolvida por John Thompson, e apoiados ainda na semântica argumentativa de Oswald Ducrot, realizamos um exercício crítico a fim de compreender como a mulher negra brasileira é retratada pelo nosso jornalismo de revista.

**Palavras-chave:** Mulher Negra. Corpo feminino no Jornalismo de Revista Brasileiro.

**Abstract:** The media institutions uses and give meaning to the black feminine through the iconography of their bodies. With John Thompsons's *depth-hermeneutical* approach backed up on Oswald Ducrot's methodology of *argumentative semantics* we have produced a critical balance in order to understand how the Brazilian black women is portrayed in the printed media.

**Keywords:** Black feminine. Feminine Body.

## Introdução

A corporeidade feminina negra, ao ser utilizada pelos textos da mídia impressa, estabelece novas formas de compreensão sobre a imagem da mulher. Isso acontece não apenas porque os aparelhos de comu-

*Leandro José dos Santos.* Mestrando em sociologia pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista. Bolsista FAPESP. E-mail: leannddro@yahoo.com.br.

Texto recebido: 07/04/2009. Texto aprovado: 13/05/2009.